

Resumo

A descrição física e temática é um desafio para o catalogador, seja em ambientes de arquivo, biblioteca ou museu, pois envolve uma série de informações intrínsecas ao cabedal simbólico inerente no documento. A Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia foram embrionariamente tuteladas pela história e/ou pela arte. De espaços de acumulação e de salvaguarda, acrescem a essas áreas o viés tecnicista como característica demarcatória de cientificidade. Atualmente, pautadas numa sociedade considerada da informação, o conceito de documento é ressignificado assim como as práticas dessas áreas que se situam numa propositura sócio-educativa, centradas na disponibilização, disseminação e democratização. Essa amplitude permite outras possibilidades no campo da representação, que estabelece a conexão entre documento e o termo/conceito. Nesse contexto, insere-se o cordel. Tratados como folhetos, percebe-se que os formatos técnicos do Código de Catalogação Anglo-Americano não atendem sua complexidade descritiva. Assim, o objetivo é propor a atualização deste código quanto à configuração da representação física do cordel brasileiro, ancoradas na seguinte problemática: quais elementos de descrição são necessários para atender as especificidades deste documento? A abordagem utilizada foi quanti-qualitativa; a pesquisa foi descritiva, exploratória, bibliográfica e documental. Os dados coletados foram: um mil e quarenta e quatro cordéis e catálogo do acervo da biblioteca de Obra Raras Átila Almeida; usou-se registros oriundos de entrevistas ocorridas com pesquisadores de cordel e poetas populares, no período compreendido entre 2006 e 2018, na tentativa de exaurir ao máximo esse complexo documento. Essa investigação, resultado de doutoramento, estabeleceu trinta campos de descrição, atendendo as necessidades representativas do cordel brasileiro e, nessa direção, respondeu a problemática inicialmente lançada. Nesse processo, para além da perspectiva técnica, constatou-se que o cordel é brasileiro configura-se como um tipo de documento não identificado e expresso no AACR₂. Por isso, advogou-se para a sua inclusão como nova tipologia no Código de Catalogação Anglo-Americano.

Palavras-chave: Representação da informação; Descrição física; Cordel brasileiro; Código de Catalogação Anglo-Americano.

Abstract

The physical and thematic description is a challenge for the cataloger, be it in archival, library or museum environments, since it involves a series of information

¹ Tese defendida em 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) sob o título: Práticas autorais do cordel no contexto da propriedade intelectual. Orientação: Dr.^a Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

intrinsic to the symbolic material inherent in the document. The archivology, the librarianship and the museology were embryonic guided by history and / or art. From spaces of accumulation and safeguard, the technician bias adds to these areas as a characteristic demarcation of science. Nowadays, based on a so-called information society, the concept of document is re-signified as well as the practices of those areas that are located in a socio-educational proposition, focused on the availability, dissemination and democratization. This amplitude allows other possibilities in the field of representation, which establishes the connection between document and the term / concept. In this context, the *cordel* is inserted. Treated as leaflets, it can be seen that the technical formats of the Anglo-American Cataloging Code do not meet its descriptive complexity. Thus, the purpose of this study is to propose the updating of this code regarding the configuration of the physical representation of the Brazilian *cordel*, anchored in the following problem: what elements of description are necessary to meet the specificities of this document? The quantitative approach was quantitative; the research was descriptive, exploratory, bibliographical and documentary. The data collected were: one thousand and forty-four *cordéis* and the catalog of the library of Obra Raras Átila Almeida; records from interviews with *cordel* researchers and popular poets were used in the period between 2006 and 2018, in an attempt to maximize this complex document. This research, the result of a doctoral thesis, established thirty fields of description, meeting the representative needs of the Brazilian *cordel* and, in this direction, answered the problematic initially launched. In this process, besides the technical perspective, it was verified that the *cordel* is Brazilian is configured as a type of document not identified and expressed in the AACR2. For this reason, it was advocated for its inclusion as a new typology in the Anglo-American Cataloging Code.

Keywords: Representation of information; Physical cataloging; Brazilian *cordel*; Anglo-American Cataloging Rules.

1 INTRODUÇÃO

A descrição física e temática é um desafio para o catalogador, seja em ambientes de arquivo, biblioteca ou museu, pois envolve uma série de informações intrínsecas ao cabedal simbólico inerente no documento. As consagradas áreas do saber humano que cumprem esse papel são a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia, que entre os séculos XV e XVIII, eram tuteladas ao usufruto da arte e/ou da história.

Passados dois séculos, essas áreas adquirem independência quanto aos seus estatutos de cientificidade, ancoradas no positivismo, corrente teórico-filosófica que tenta enquadrar as humanidades à luz dos postulados das ciências exatas, contudo, permanecem patrimonialistas e custodiais. Nessa direção, essa cientificidade foi balizada numa perspectiva técnica, centrada na catalogação, na classificação e na indexação, priorizando atividades de controle, de gestão, de organização e de tratamento (ARAÚJO, 2011). Gradativamente, é adicionada a essa visão patrimonialista a sua faceta tecnicista.

Ao longo dos séculos, esses ambientes considerados de guarda transformam-se, posteriormente, em ambientes sócio-educativos (MAIA; OLIVEIRA, 2016), respondendo às

inquietações quanto às demandas de uma sociedade cada dia mais questionadora, conectada e politizada. Então, para além de espaços de acúmulo e de salvaguarda, acresce a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Museologia a necessária análise quanto à condição valorativa dos bens culturais de natureza humana, ou seja, sua atribuição simbólica. Ainda no século XX, com a configuração envolvendo os suportes e a produção de dados binários, demarca outro modelo social pautado na informação.

Ao revés de só guardar, a sociedade da informação (CASTELLS, 1999) impõe uma outra ordem: disponibilizar, disseminar e democratizar. Assim, as atividades técnicas no escopo da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia assumem novas prerrogativas. Desse ponto, é possível entender a inclusão destas no escopo da Ciência da Informação (CI), área criada nos anos 60 nos Estados Unidos e que se fez necessária diante das problemáticas oriundas dos atuais formatos e formas de comunicação e de geração de informação ocasionada no surgimento da internet. A lógica conceitual acerca da informação sob o ponto de vista da CI, aproxima-se da Documentação, desenvolvida por Otlet e La Fontaine ainda no início do século XX na Europa. Freire (2006) assevera que o conceito de documento, usado por Otlet no tratado escrito em 1934, consiste em toda a gama de produtos de informação que surgem e se expandem com a revolução industrial. Ou seja, artigos e relatórios científicos e técnicos, desenhos industriais, patentes, protótipos, cartões-postais, fotografias, tudo o que é produto de natureza simbólica para nós humanos pode vir a ser documento, precisando esse conhecimento registrado estar disponível para quem dele tiver necessidade. Dois conceitos essenciais são percebidos nessa questão, o armazenamento (local) e a sua recuperação (acesso).

Atualmente, Buckland (2012) reforça o discurso otletiano e nos faz refletir acerca dos processos de recuperação. Efetivamente, é a informação ou o documento que recuperamos quando lançamos as nossas demandas junto aos sistemas? De fato, uma questão relevante e que merece ser discutido em outra investigação.

Considerando o cordel brasileiro um tipo de documento o qual trabalhamos há mais de uma década, percebemos lacunas nos processos de catalogação física. Há mais de um século, segundo Almeida e Alves Sobrinho (1978, v. 1), que tal documento nasceu com o poeta popular Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Como surgiu em formato de folheto, há uma tendência de enquadrá-lo como tal nos processos de representação no âmbito das unidades de informação. Contudo, esse formato não atende as características do cordel brasileiro em função de suas peculiaridades e ressignificados, isto é, o Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR₂)² precisa ser revisitado. Assim, o nosso objetivo é propor a atualização deste código quanto à configuração da representação física do cordel brasileiro, ancoradas na seguinte problemática: quais elementos de descrição são necessários para atender as especificidades deste documento?

2 METODOLOGIA

A abordagem utilizada foi a quanti-qualitativa, baseada na leitura e na análise de um mil e quarenta e quatro cordéis (amostra) digitalizados do acervo da Biblioteca de Obra Raras Átila Almeida (BORAA), cujo universo é de treze mil, duzentos e noventa e seis títulos (MAIA, 2013; UNIVERSIDADE..., 2016). A cada cordel estudado, extraímos as peculiares físicas do documento em tela. Ou seja, atemo-nos aos elementos descritivos que envolvem as regularidades

² Sigla que representa o termo original em inglês, a saber: *Anglo-American Cataloguing Rules*.

e as dissonâncias do cordel, bem como as peculiaridades e as diferenças. Por representação descritiva (ou física) entendemos como sendo as características do documento cujos elementos são percebidos pelo catalogador de forma quase imediata (KOBASHI; FRANCELIN, 2011).

Do ponto de vista dos objetivos, caracterizou-se como descritiva, pois foram identificadas e pormenorizadas as nuances técnicas que envolvem o cordel; e, ainda, foi exploratória, quando nos familiarizamos com o tema a partir dos vários elementos de captação da realidade que o abarca. Nessa direção, a pesquisa foi bibliográfica e documental, registrando em diário de bordo todas as informações identificadas.

Assim, nessa ótica, quanto aos dados coletados, especificamos, a saber:

- (1) documental: identificados nos um mil e quarenta e quatro cordéis do acervo da BORAA e em seu catálogo (UNIVERSIDADE..., 2016) e nas gravações e transcrições dos registros oriundos de entrevistas;
- (2) bibliográfica: apresentados nos livros, nos periódicos, em anais, nas teses e nas dissertações produzidas em torno dos temas e que envolveram essa pesquisa.

As entrevistas ocorreram com pesquisadores da BORAA e cordelistas, no período compreendido entre 2006 e 2018, na tentativa de exaurir ao máximo esse complexo documento (GIL, 2008; RICHARDSON, 2008).

3 O CORDEL BRASILEIRO: DO CONTEXTO AO CONCEITO

Tradição secular que se estabeleceu numa país de dimensões continentais, enraíza-se e migra por todas as suas regiões (ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1978, v. 1), consolidando-se: esse é o cordel brasileiro. Permeia temas dos mais diversos: casos cotidianos (enchentes, assassinatos), biografias, histórias inimagináveis, política, crítica social, práticas sociais (música, práticas, culinária, brincadeiras), ciências, doenças e epidemias, daí, podemos afirmar que se tratam de temas da nossa cultura. Por isso, não é difícil entender o motivo do acolhimento, da simpatia e da identificação com tal documento. Isso é constatado pela inclusão gradativa dessa tipologia no circuito editorial e no conteúdo didático dos livros para ensino fundamental em âmbito nacional.

Suas matizes de certo europeia, atravessou os oceanos de Portugal ao Brasil (ABREU, 1999) e, desse modo, talvez se confunda, às vezes, o cordel brasileiro por "opúsculo, plaquete, livrinho, livreto, separata, folha (solta, volante) e, como ocorria no século XVIII, papel" (SARAIVA, 2011, p. 05). Contudo, no Brasil, o traço significativo do cordel é a sua estreita relação com a oralidade e cantoria popular e, assim, é ressignificado, produzido e disseminado como produto escrito em finais do século XIX, cujo expoente foi o cordelista paraibano Leandro Gomes de Barros (1865-1918) (VIANNA, 2014). Aderaldo Luciano, estudioso da poesia popular, revela, em entrevista cedida a Cavalcante (2015), que o cordel brasileiro deve ser respeitado, pois se trata da primeira forma poética genuinamente nacional.

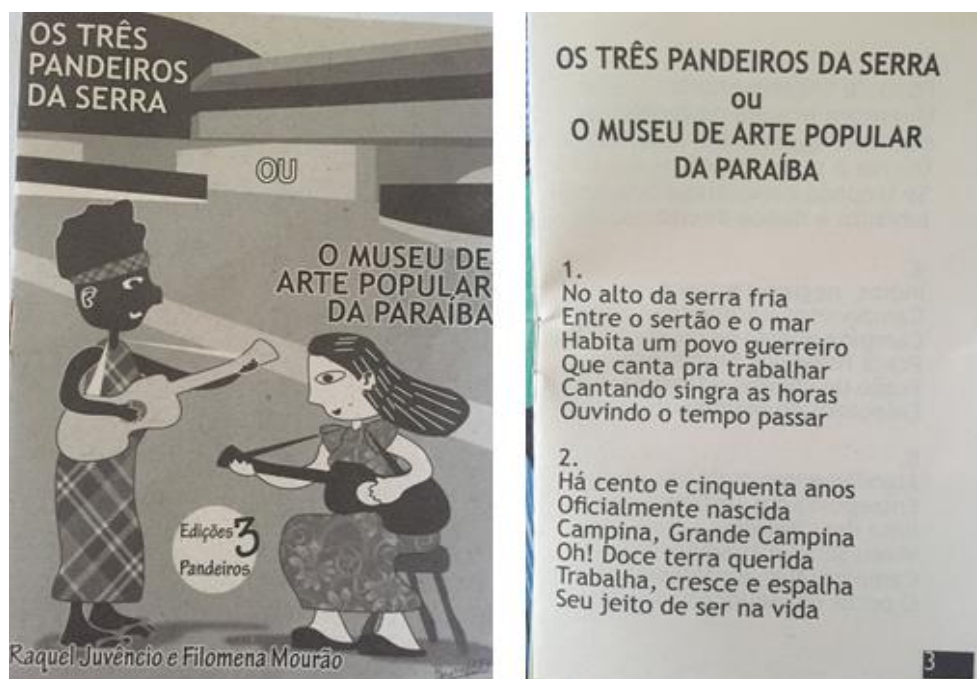
Inicialmente, seu formato era impresso em folheto, depois, são expressos em livros e em documentos digitais. Por tal motivo, acrescido de outra série de especificidades e peculiaridades, defendemos a existência de um novo gênero: o cordel brasileiro. Variam em tamanho, número de páginas, tipo de papel, conteúdo e até os modos de comercialização (MAIA, 2018). Quanto à marcação dos versos (**divisão das sílabas numa linha poética - variam** de quatro, cinco, sete e onze sílabas, decassílabos, alexandrino e meia quadra) e das estrofes (conjunto de versos,

podendo ser: **quadra, mourão, sextilha, gemedeira, martelo de seis versos, sete linhas, quadrão, martelo agalopado e alagoano, dez de queixo caído, décima e galope a beira mar).**

Outro elemento fundamental no que tange à representação do cordel, entre tantos, é a autoria. Casos de plágio (BATISTA, 1971; HAURÉLIO, 2012; LITERATURA DE CORDEL, 1987; VIANNA, 2014) foram muitos ao longo desses cem anos. Encontramos o uso do que defendemos na tese de doutoramento de ressignificação autoral, que não se configura como cópia, mas da re-leitura e da re-escrita de um fato, um ato, uma circunstância em forma de poesia (MAIA, 2018). Além disso, os cordelistas valem-se do acróstico no contexto do documento em tela como forma de assegurar a autoria codificada no próprio texto. Por vários motivos, deparamo-nos também com o uso de pseudônimos. **Quiçá, o mais famoso caso foi de Maria Batista Pimentel, poetiza que publicava usando o nome de autoria de seu marido, Altino Alagoano (CARVALHO; OLIVEIRA, 2016).** Nos anos de 1930, o espaço de produção desse documento era extremamente machista e o uso de pseudônimo masculino revela as nuances de uma sociedade ainda sexista.

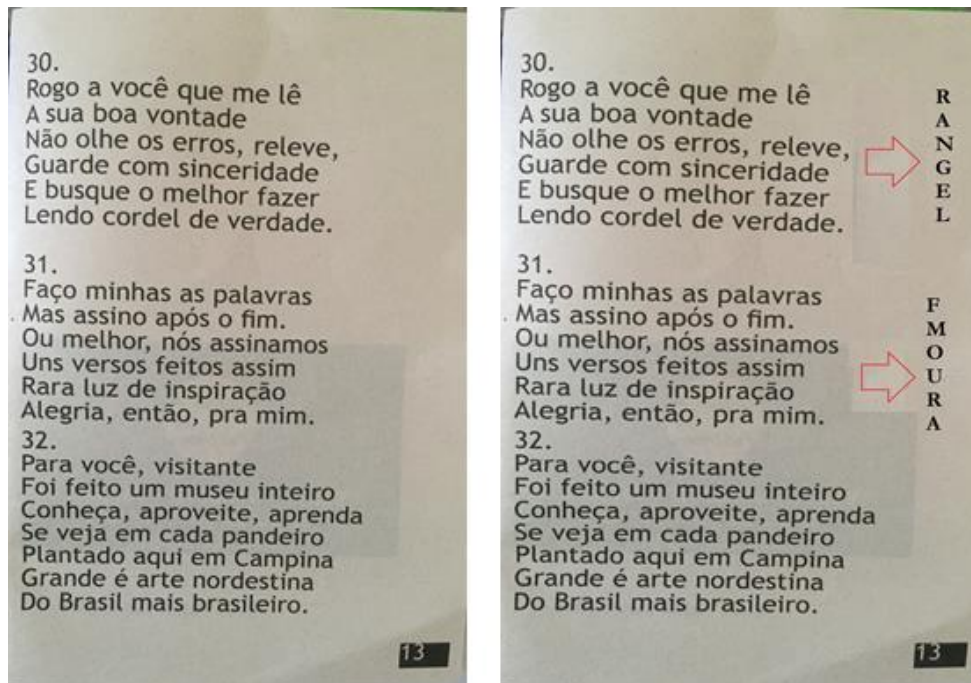
Ao revés desse caso, foi apresentado, no dia da defesa de doutoramento (MAIA, 2018), um cordel elaborado por dois poetas usando pseudônimos femininos, ilustrados nas Figura 1 e 2:

Figura 1: Capa e terceira página do cordel "Os Três Pandeiros da Serra".



Fonte: Juvêncio e Mourão (2014).

Figura 2: Décima terceira página e acróstico do cordel "Os Três Pandeiros da Serra".



Fonte: Juvêncio e Mourão (2014).

Segundo um dos autores deste cordel acima ilustrado, também participante da banca de defesa de doutorado de Maia (2018), informou que a ação foi intencional. Esse exemplo nos fez perceber que tal relatado reforça a pertinência de nossa propositura quanto à criação, no âmbito das normas técnicas, de descrição específica para esse documento. Ao final, tal exemplo elucida outro ponto que defendemos: a catalogação extrapola o viés técnico, necessitando do catalogador a sua interação cultural e sensibilidade com o documento tratado, a fim de perceber que campos como biografia, acróstico e tipo de autoria precisam ser cuidadosamente analisados no processo de descrição.

O cordel tem "alma" genuína e é extremamente adaptável, do suporte à pluralidade de temas que o envolve, fazendo-nos compreender a sua resistência ao tempo e às tecnologias da comunicação. Trata-se de uma narrativa impressa e de caráter popular. Provavelmente, esse documento permanecera co-existindo, pois refere-se a um tipo de prática cultural viva, atual e reordenada, segundo o pesquisador cearense Gilmar de Carvalho (OLIVEIRA, 2012).

Reforçando a importante contribuição da Raymond Cantel, este acrescenta ao conceito de cordel o elemento da pureza, pois "exprime os verdadeiros sentimentos do povo [e] atraente, porque eleva nossas almas e sensibiliza dos nossos corações" (MENDES, 2006, p. 23).

Diniz (2001, p. 01) também conceitua e caracteriza em forma de poesia o cordel brasileiro:

Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum

Feita pra ler ou cantar. [...]

A minha literatura
De cordel é reflexão
Sobre a questão social
E orienta o cidadão
A valorizar a cultura
E também a educação.

Mas trata de outros temas:
Da luta do bem contra o mal,
Da crença do nosso povo,
Do hilário, coisa e tal
E você acha nas bancas
Por apenas um real.

Completando, o poeta Braga ([21--a], p. 01-20) também metrifica:

O cordel, definitivo,
Pôde um conceito ganhar:
**"É POESIA NARRATIVA
IMPRESSA POPULAR"**,
Por essa forma, podendo
O que se pensa narrar.

Cordel são esses folhetos
Com estrofes uniformes
De seis, sete, ou dez versos
Com os temas mais disformes
Que podem ser muito curtos,
Médios, maiores, enormes. [...]

Pode ser de oito páginas
Ou mesmo de dezesseis,
Mas, se vê de vinte e quatro,
Trinta e dois, quarenta e seis,
Variam pela importância
Dos eventos e das greis. [...]

De início eram vendidos
Nas feiras das redondezas
Sobre lonas pelo chão,
Então em cima das mesas
Lá cantavam os poetas
Suas estrofes belezas. [...]

Esse folheto de feira
Que chamamos de cordel
Com as regras definidas,
Com seu formato fiel
Esse é todo brasileiro
E nós temos a granel. [...]

Já não é só no Nordeste
Que o cordel se vê mais,
Também é composto e lido
Lá pelas Minas Gerais,
São Paulo, lá pelos pampas,
Acre, Rondônia, Goiás. [...]

Vamos, pois, efetivar
Sua comunicação.
O CORDEL que no passado
Foi o "**Jornal do Sertão**"
É hoje a biblioteca
Muitas páginas, por lição.

Ao considerar os atributos desse documento e sua longevidade, é claramente justificável a sua especificidade documental, distinguindo-o de qualquer outra tipologia expressa pela AACR₂ (CÓDIGO..., 2004; RIBEIRO, 2003). O nosso exaustivo estudo analisou *in loco* um mil e quarenta e quatro cordéis. Agregamos aos resultados outras fontes de informação, a saber, entrevistas com cordelistas e com pesquisadores, aprofundando a inserção do cordel brasileiro como mais uma tipologia documental.

4 RESULTADOS

A representação da informação transita entre a compreensão conceitual (significado do termo) e a terminológica (a forma que tal conceito assume, podendo ser expresso em signos e/ou em símbolos). Os profissionais, que trabalham em arquivos, em bibliotecas e em museus, utilizam desse processo para descrever a informação, pois se torna fundamental para garantir ao usuário o acesso aos sistemas, potencializando a organização e a localização da informação tratada (BRASIL, 2006).

Essa mediação agenciada pela descrição permite estabelecer controle intelectual e gerencial sobre as coleções ou os acervos. Representar a informação promove inclusões e exclusões. Por tal motivo nos parece basilar o estreitamento da relação cultural entre o indexador e os documentos. Ou seja, eleger os termos que os representam são permeadas por escolhas. Nesse espectro, o ato de traduzir e de estabelecer linguagem são inerentes a esse trabalho. Schopenhauer (2007) não figura como filósofo da CI, mas suas contribuições são relevantes para a discussão no campo da representação da informação: quem traduz e qual é o seu grau de imersão cultural que entorna o documento são essenciais para completude desses atos. Se por um

lado a representação temática tem suas complexidades, no caso do cordel brasileiro, a descrição de ordem física também precisa ser revisitada do ponto de vista das normativas técnicas.

Ao nos debruçar sobre os manuais catalográficos, especificamente o AACR₂, percebemos várias limitações quanto aos seus pontos de acesso para o cordel. Dividido em 8 (oito) áreas estruturais de descrição (CÓDIGO..., 2004; RIBEIRO, 2003), utilizamos conforme apresentado no Quadro 1, identificando tais áreas, explicando-as e relacionando-as a nossa proposta de descrição física para os cordéis brasileiros. Eis:

Quadro 1: Áreas de descrição catalográfica relacionando o AACR₂ ao cordel.

Item	Área de descrição	Segundo o AACR ₂	Especificidades do cordel
1	Título e da indicação de responsabilidade e	Refere-se ao título principal ou equivalente e outras informações. Também deve ser indicado a responsabilidade da produção	<p>Do ponto de vista do título, podemos encontrar cordéis: com título único, com subtítulo e com título coletivo.</p> <p>Quanto à responsabilidade: um autor, mais de um autor, pseudônimo e autoria não identificada. No mundo da internet, há a criação de cordéis de autoria coletiva por meio de grupos de <i>facebook</i> e <i>whatsapp</i>, posteriormente, assumindo formatos publicáveis.</p> <p>A peculiaridade é a figura do proprietário, que compra os direitos de comercialização e, em alguns casos, assumem de modo controverso a autoria. Por isso, há a necessidade de identificar na catalogação a figura do autor e do proprietário.</p>
2	Edição	Trata-se da entidade distribuidora e de responsáveis pela revisão de edição	<p>No caso do cordel, é usual o termo folheteria. As primeiras editoras eram geralmente artesanais e pertenciam aos cordelistas. Ao longo do tempo, essas editoras cambiavam de nome. Exemplificando, no caso do cordelista JOÃO JOSÉ DA SILVA, apresenta duas folheterias com nomações distintas, a saber, Folheteria Luzeiro do Norte e Espólio de João José da Silva (ACERVO..., [20--]).</p> <p>Eis uma lista dos cordelistas e suas folheterias, baseada em exaustiva pesquisa realizada por Amorim (ACERVO..., [20--], p. 07-08):</p> <p>DILA (Xylgra, Cordel e Carimbo, Folheteria São José, Só Cordel São José, Cordelaria Lagoa de Santo Antônio, Cordxil, Artfolheto</p>

			<p>São José, Dila-Cordel São José, Folheteria São Damião, Xilg-Cordel, Sabaó Folheto, Preéllô Santa Barbara, Fhòlhéteia Càra d` Dillas);</p> <p>RODOLFO COELHO (A Casa do Trovador, Agência de Folhetos, Folheteria Cavalcante);</p> <p>JOSÉ BERNARDO DA SILVA (Tipografia São Francisco, Literatura de Cordel-José Bernardo da Silva Ltda, Lira Nordestina, Tipografia Lira Nordestina, Gráfica Lira, Nordestina);</p> <p>J. BORGES (Gráfica Borges, Folheteria Borges, Folheteria Borges, Gráfica J. Borges, Casa de Cultura Serra Negra, Gráfica & Serigrafia Borges);</p> <p>OLEGÁRIO FERNANDES DA SILVA (Olegário Papelaria, Tipografia e Folheteria de Cordel, Folheteria Jardim da Poesia, Folheteria Boa Vista, Casa da Poesia, Tipografia e Folheteria Olegário);</p> <p>MANOEL CABOCLO E SILVA (Folheteria Casa dos Horóscopos);</p> <p>JOÃO JOSÉ DA SILVA (Folheteria Luzeiro do Norte, Espólio de João José da Silva);</p> <p>MARCELO SOARES (Folheteria Cordel);</p> <p>JOSÉ COSTA LEITE (A Voz da Poesia Nordestina);</p> <p>ANTÔNIO KLÉVISSON VIANA (Tupynanquim, Edições Lamparina, Aestrofe);</p> <p>ARIEVALDO VIANA (Queima-Bucha);</p> <p>CLEYDSON MONTEIRO (Imibira Cordéis);</p> <p>JOSÉ HONÓRIO (Edições Cordelnet, Edicordel);</p> <p>ABDIAS CAMPOS (Folheteria Campos de Versos);</p> <p>FRANKLIN MAXADO (Livraria Cacimbinha, Galeria do Cordel, Livraria Machado, Nordeste, Taperia);</p> <p>ALLAN SALES (Editosca Produções de Cordel, Universales Cordelaria);</p> <p>ALTAIR LEAL (Edições Pantera, Pantera Cordelaria);</p> <p>LUIZ ESPERANTIVO (Papel & Cia, Folheteria);</p>
--	--	--	---

			<p>DAVI TEIXEIRA (Davi Cordel); LUIZ DE ASSIS MONTEIRO (Confraria da Paixão); JÚNIOR DO BODE (Edição Araripe, Edição Araripy).</p> <p>No caso de edições publicadas de um mesmo cordel, há possíveis revisões textual, de métrica e/ou rima e, por isso, a necessária leitura atenta e comparativa com a edição anterior no processo de representação da informação.</p> <p>Identificar a revisão editorial e edição (se primeira, segunda e assim por diante).</p> <p>No caso de cordéis em formato de livros, a editora é inscrita seguindo os padrões e, por isso, não figura dificuldade quanto à identificação.</p>
3	Detalhes específicos do material ou do tipo de publicação	Variação dos tipos documentais em relação ao material ou publicação	Folheto, livro, DVD e [documento digital].
4	Publicação, distribuição <i>etc</i>	Lugar e data de publicação e de distribuição	<p>Dificuldade de datação em função também do uso comum de plágio ou da intertextualidade entre os cordelistas. Também havia a despreocupação quanto à prática de datação tanto do autor como dos folheteiros. Por isso, indicamos o uso de datas prováveis, conforme sinaliza Ribeiro (2003, p. 01-104) na seção 1.4F7, eis:</p> <p>[1971 ou 1972] - um ano ou outro; [1969?] - data provável; [entre 1906 e 1912] - usar somente para as datas com menos de 20 anos de diferença; [ca. 1970] - data aproximada; [197-] - década certa; [197-?] - década provável; [18--] - século certo; [18--?] - século provável.</p> <p>Também é preciso a identificação do local da publicação.</p>

5	Descrição física	Inclui a dimensão e a extensão (materiais adicionais)	<p>Há variadas dimensões dos folhetos, baseadas no acervo da BORAA: 14,5x9,5; 15x10,5; 15x11; 15,5x11; 15,5x11,5; 6x11; 16x12; 16,5x9,5; 16,5x11; 16,5x12; 18x11,5; 18x12; 18,5x13,5; 19,5x11,5; 21x15. Em geral, impressos em papel-jornal.</p> <p>[Há publicações em livros, com dimensões específicas.</p> <p>No caso do documento digital, é relevante verificar a resolução da imagem quanto aos "pontos por polegada" (dpi). Assim como no folheto e no livro impressos, é preciso calcular o volume dos documentos digitais, pois implica em custos de armazenamento, manutenção, segurança de rede e controle].</p>
6	Série	Refere-se ao <i>International Standard Book Number</i> (ISBN). Indicar a série caso a obra possua	Há cordéis que assumem formatos de livros e possuem (ISBN).
7	Notas	Informações descritivas não incluídas nas áreas anteriores	<p>Inclusão obrigatória descrição física e temática, eis:</p> <p>a) indicação do proprietário, responsável pela comercialização do cordel;</p> <p>b) acróstico: assinatura versificada com as letras iniciais do nome do poeta nas últimas estrofes do cordel;</p> <p>c) identificação do tipo de ilustração na capa e/ou internamente usada (xilogravura, desenho, fotografia e imagens digitais);</p> <p>d) identificação da autoria imagética, apontando a assinatura artística (xilógrafo, desenhista, fotógrafo);</p> <p>e) quanto à imagem, identificar se a impressão é monocromática ou colorida;</p> <p>f) indicação de <i>site</i> em caso documento digital e data de acesso;</p> <p>g) descrição dos elementos da quarta página - geralmente usado pelos cordelistas como espaço para marketing de lojas locais como padaria, farmácias etc;</p>

		<p>h) indicação de tipo esquema de rima: X Y Z A W A; X A A B Y C C B; A B B A A C C D D C; A B A B C C B; entre outros. Consultar Almeida e Alves Sobrinho (1978) e Tavares (2016);</p> <p>i) marcação de verso - medida de cada linha poética. Divisão das sílabas numa linha poética - variam de quatro (parcela), cinco, sete e onze sílabas, decassílabos, alexandrino (composto por 12 sílabas) e meia quadra (15 sílabas poéticas);</p> <p>j) tipo de estrofe - conjunto de versos, podendo ser:</p> <p>j.1) quarteto ou quadra (quatro versos, sete sílabas),</p> <p>j.2) mourão (cinco versos, sete sílabas),</p> <p>j.3) sextilha (seis versos, sete sílabas),</p> <p>j.4) gemedeira (sextilha com inclusão de "gemido" do autor (ai, ui etc),</p> <p>j. 5) martelo de seis versos (seis versos, dez sílabas),</p> <p>j.6) sete linhas ou sete pés (sete versos, sete sílabas; adaptação da sextilha criada pelo alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça Serrador),</p> <p>j.7) quadrão (oito versos, sete sílabas),</p> <p>j.8) martelo agalopado (dez versos, dez sílabas),</p> <p>j.9) martelo alagoano (dez versos decassílabos - no último verso "nos dez pés de martelo alagoano"),</p> <p>j. 10) dez de queixo caído (décima que contem no último verso "nos dez de queixo caído"),</p> <p>j.11) décima ou décima de sete pés (dez versos, sete sílabas),</p> <p>j.12) galope a beira mar ou décima de versos compridos (dez versos, onze sílabas - criação de José Pretinho) e outros;</p> <p>k) descrever biografia do autor (para identificação de inserção do seu conteúdo na íntegra sob domínio público; [fundamental para identificar pseudônimos e plágios]) (ACADEMIA..., 2016; ALMEIDA; ALVES SOBRINHO, 1978, v. 1; INSTITUTO CULTURAL..., 2008; MAIA, 2013; MAIA et al,</p>
--	--	--

			2010; MENDES, 2006; SILVA, 2012; TAVARES, 2016); l) apontar número de páginas; m) resumo. Fundamental elemento que informa ao usuário, em linhas gerais, o conteúdo do cordel. Sugerimos um resumo com o volume máximo de 100 (cem) palavras. Como há folhetos com mesmo título ou títulos quase similares, no resumo, o usuário tem a possibilidade de verificar com clareza se há plágio ou se se trata de obra inédita ou ressignificada. O resumo também auxilia no processo de indexação quanto à escolha dos descritores no ato da catalogação; n) indicar termos indexadores. Sugerimos entre 6 (seis) a 10 (dez) descritores. Na ocasião é de suma importância que se realize o controle de vocabulário por meio de cabeçalho de assunto ou índice, indicando remissivas para os casos de sinonímias, usual na literatura de cordel; o) estabelecer classificação. Consultar Albuquerque (2013).
8	Número normalizado e modalidades de aquisição	Formas de aquisição, valor e modalidades de acesso	O cordel pode ser adquirido por doação, permuta e compra unitária e por colecionador.

Fonte: Maia (2018, p. 62-66).

Esse quadro demonstra tamanha especificidade que tal documento possui e, por isso, a necessária revisão catalográfica da AACR₂. O cordel possui mais de cem anos de história e perspectivas promissoras, ou seja, está presente e permanece atual. Não é sem tempo, que para além do folheto, ganha espaço no circuito editorial em formato de livro e na rede mundial de computadores, abrangendo de modo pleno o mundo.

Em função de sua singularidade, capacidade de produção, baixo custo de aquisição (cada cordel em formato folheto pode ser comprado entre R\$ 2,00 e R\$ 15,00) e facilidade em digitalizar e armazenar, várias universidades norte-americanas vem adquirindo regularmente esse documento (MAIA, 2018, p. 108).

Funcionária da *Library of Congress*, Soares (2017), que há mais de trinta anos viaja pelo Brasil com frequência realizando aquisições para o acervo da biblioteca supra, relatou em entrevista que são doze as instituições nos Estados Unidos da América (E.U.A.), a maioria universidades, possuidoras de coleções de cordéis brasileiros. Eis: *Columbia University, Ibero-Amerikanishes Institut, Iowa University, Rutgers University, Stanford University, Tulane*

University, UCLA, University of Michigan, University of North Carolina, University of Wisconsin, Vanderbilt University e Yale University. Acresce "a essa lista de colecionáveis à Library of Congress, cujo acervo em 2011 ultrapassava os 10.000 (dez mil) títulos e, em dezembro de 2017, já possui 12.000 (doze mil) títulos acumulados" (MAIA, 2018, p. 109).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cordel apresenta perspectivas variadas no âmbito da CI. Em específico, nos permitiu revisitar um dos elementos fundamentais de tal área, a saber, a representação da informação. Esse tema nos conduziu na seguinte direção: propor a atualização do Código de Catalogação Anglo-Americano (AACR₂) quanto à configuração da representação física do cordel brasileiro. Nessa direção, revimos nossa publicação no XVII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação - ENANCIB (MAIA; OLIVEIRA, 2016), quando apresentamos na ocasião os dados parciais de pesquisa de doutoramento que estava em andamento. Considerando a sua conclusão, trouxemos essa análise que nos possibilitou asseverar a existência de uma tipologia documental genuinamente brasileira.

O cordel, sem dúvidas, apresenta elementos tão singulares que extrapola a representação no âmbito dos folhetos, formato sob o qual se originou. O século XXI desconstruiu o discurso da morte desse gênero literário, verbalizado há aproximados cinquenta anos. Ao contrário, está mais forte, revigorado e ressignificado, ganhando espaços no circuito editorial e na rede mundial de computadores, permitindo tamanha visibilidade que passou a ser documento de volumosas coleções em variadas bibliotecas do planeta.

Identificamos, em função da análise em um mil e quarenta e quatro cordéis do acervo da BORAA e nas entrevistas realizadas com pesquisadores e com autores desse tipo de poesia, trinta campos de descrição específicos para representar exclusivamente esse documento. Desse modo, conseguimos elucidar a nossa problemática. Nesse processo, debruçando-nos na perspectiva técnica, constatamos, ainda, que o cordel é brasileiro e configura-se como um tipo de documento não identificado e expresso no AACR₂. Por isso, defendemos a sua inclusão.

Certamente, outras pesquisas podem surgir a partir dessa, envolvendo a representação física e temática de xilogravuras, arte ainda vivida no nordeste e que compõe a tessitura do cordel; a classificação dessa produção na rede; estudos que atualizem o perfil dos usuários desse tipo de documento.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia Azevedo de. **Historias de cordéis e folhetos**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1999.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LITERATURA DE CORDEL. **Grandes cordelistas**. Rio de Janeiro: ABLC, 2016.

ACERVO MARIA ALICE AMORIM. Recife: FUNDARPE, [20--].

ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. **Representação temática da informação da literatura de cordel**. Curitiba: Appris, 2013.

ALMEIDA, Átila Augusto de Freitas; ALVES SOBRINHO, José. **Dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada**. João Pessoa: Universitária, 1978. v. 1.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. *Condições teóricas para a integração epistemológica da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia na Ciência da Informação*. **InCID: Revista Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, p. 19-41, jul./dez. 2011.

BATISTA, Sebastião Nunes. **Bibliografia prévia de Leandro Gomes de Barros**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Divisão de Publicações e Divulgação, 1971.

BRAGA, Luzimar Medeiros. **O cordel em cordel**. [S. l.: s. n., 21--a].

BRASIL. ARQUIVO NACIONAL. **Nobrade**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2006.

BUCKLAND.M. What kind of science can Information Science be? **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v. 63, n. 1, p. 01-07, 2012.

CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CARVALHO; Elanir França de; OLIVEIRA, Letícia Fernanda da Silva. Maria das Neves Batista Pimentel: a voz por trás do verso **Leia Escola**, Campina Grande, v. 16, n. 2, p. 110-123, 2016.

CAVALCANTE, Marina. **Pesquisador aponta cordel brasileiro como primeira forma poética do Brasil**. [S. l.: s. n.], 10 out. 2015.

CÓDIGO DE CATALOGAÇÃO ANGLO-AMERICANO. São Paulo: IOESP, 2004.

DINIZ, Francisco. O que é cordel. In: QUARESMA, Valentim; DINIZ, Francisco; SANTA HELENA. **Projeto Cordel**. Paraíba: [s. n.], 2001.

FREIRE, Gustavo Henrique. Ciência da Informação: temática, histórias e fundamentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 11, n. 1, p. 06-19, jan./abr. 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

HAURÉLIO, Marco. **Antologia do cordel brasileiro**. São Paulo: Global, 2012.

INSTITUTO CULTURAL BANCO REAL. **O universo do cordel**. Recife: Banco Real, 2008.

JUVÊNCIO, Raquel e MOURÃO, Filomena. **Os Três Pandeiros da Serra: ou o museu de Arte Popular da Paraíba**. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

KOBASHI, Nair Yumiko; FRANCELIN, Marival de Moacir. Conceitos, categorias e organização do conhecimento. **Informação e Informação**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 01-24, jan./jun. 2011.

LITERATURA DE CORDEL. **História do boi misterioso**. São Paulo: Luzeiro, 1987.

MAIA, Manuela Eugênio. **Práticas autorais do cordel no contexto da propriedade intelectual**. 2018. 137 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)– Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

_____. **Relatório sobre o Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Estadual de Paraíba**: gestão setembro de 2006 a julho de 2013. Campina Grande: Universidade Estadual de Paraíba, 2013. 45p.

_____; AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire de. A experiência nos processos de digitalização do acervo de cordel da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 85-104, jul./dez. 2012.

_____ et al. **Relatório de Iniciação Científica**: desenvolvimento de uma aplicação *web* para gerenciamento de cordéis na biblioteca Átila Almeida/ Universidade Estadual de Paraíba. João Pessoa: Universidade Estadual de Paraíba, 2010. 34p.

_____; OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. O cordel e os enlaces com a Ciência da Informação: necessária revisão quanto ao seu potencial tipológico na esfera descritiva. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 17., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador, UFBA, 2016. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/viewFile/3940/2310>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

MENDES, Joaquim Sobrinho. **Antologia do cantores e poetas populares do Piauí**. Teresina: [s. n.], 2006.

OLIVEIRA, Carlos Jorge Dantas de. **A formação da literatura de cordel brasileira**. 2012. 380 f. Tese (Programa de Doutorado em Teoria da Literatura e Literatura Comparada)– Faculdade de Filologia. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, 2012.

RIBEIRO, Antônia Mota de Castro Memória. Catalogação de recursos bibliográficos pelo AACR₂R 2002: **Anglo American Cataloguing Rules**. Brasília, DF: Autor, 2003.

RICHARDSON, Jarry. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 2008.

SARAIVA, Arnaldo. **Folhetos de cordel portugueses**. Recife: Museu de Arte Popular, 2011. (Exposição Teia de Cordéis, no Museu de Arte Popular).

SCHOPENHAUER, Arthur. **A arte de escrever**. Tradução de Pedro Süsskind. Porto Alegre: L&PM, 2007.

SILVA, Gonçalo Ferreira. **Vertentes e evolução da literatura de cordel**. Brasília, DF: Ensino, 2012.

SOARES, Marli. **Relação de universidades** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <marlis@loc.gov> em 08 set. 2017.

TAVARES, Braulio. **Arte e ciência da cantoria de viola**. Recife: Bagaço, 2016.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (Brasil). **Catálogo de cordéis**: Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida. Campina Grande: UEPB, 2016.

VIANNA, Arievaldo. **Leandro Gomes de Barros**: o mestre da literatura de cordel - vida e obra. Mossoró: Queima-Bucha, 2014.